

Orlando Grossegeesse*

Sobre a obra de José Saramago A consagração e o panorama da crítica de 1998 até 2004

Nos anos noventa, José Saramago alcançou as grandes consagrações: primeiro a nível nacional, ao receber em 1992 o Grande Prémio da Associação Portuguesa dos Escritores (APE), após o escândalo político em torno de *O Evangelho Segundo Jesus Cristo* e a candidatura ao Prémio Literário Europeu vetada pelo governo português; em segundo lugar no espaço lusófono, com a atribuição do Prémio Camões, em 1995, e finalmente, a nível internacional, quando foi galardoado com o Prémio Nobel da Literatura (1998).

Acabámos de destacar apenas estes três prémios, sem falar dos outros e dos numerosos *doutoramentos honoris causa*. Todos estes actos comprovam bem a repercussão internacional e académica de Saramago, documentada pelos volumes de homenagem [Berrini (ed.) 1999; Seixo (ed.) 1999; Klobucka (ed.) 2001], muitas vezes de pouco interesse crítico [Viegas (ed.) 1998, *Camões* 1998]. Em vez de abrandar a sua presença pública, o laureado utilizou a sua notabilidade para dar maior eco às suas intervenções políticas e sociais, tal como em Chiapas (México) ou no Fórum Social Mundial de Porto Alegre (Rio Grande do Sul). Simultaneamente, a sua consagração prolonga-se até à actualidade: em 2004, a Universidade de Coimbra, a mais antiga de Portugal, segue finalmente o exemplo de inúmeras universidades de outros países, europeus e americanos. O ilustre filósofo Eduardo Lourenço apadrinha este *doutoramento honoris causa* muito esperado (*vd.* Doutoramento), cujo ‘atraso’ reflecte bem a resistência dos círculos conservadores da sociedade portuguesa relativamente a um comunista convicto de raízes humildes.¹ Em 2004, também desanuvia o relacionamento difícil com o Estado de Portugal: as desculpas oficiais do primeiro-ministro Durão Barroso pela actuação do governo em 1992 são adoçadas pela criação da Cátedra José Saramago na Universidade Autónoma de México.

* Orlando Grossegeesse (*1960). Professor associado na Universidade do Minho (Braga/Portugal). Autor de estudos em *Filologias Portuguesa, Alemã, Espanhola e Comparada*. Tradutor literário. Publicações mais relevantes: *Konversation und Roman. Studien zum Romanwerk von Eça de Queiroz (1991)*, *Saramago lesen. Werk – Leben – Bibliographie (1998)*; organização: “*O estado do nosso futuro*”. *Brasil e Portugal entre identidade e globalização (2004)*.

¹ Significativamente, a Universidade de Évora é a primeira portuguesa a atribuir-lhe o grau *doutor honoris causa* (Janeiro de 1999).

Perante este panorama, a nossa abordagem de uma bibliografia comentada da crítica recente, dificilmente poderá ser exaustiva. Pretendemos unicamente traçar a diversidade de leituras e interpretações relativamente à obra saramaguiana, de 1998 até 2004. É compreensível que neste período surja uma abundância de artigos, ensaios e estudos. Os estudos de maior rigor académico dedicam-se principalmente aos romances publicados antes de 1998 e só em menor escala às obras que Saramago publicou depois de laureado.² Isto não é só reflexo do desfasamento filológico tradicional mas também da convicção reinante de os romances antes do Prémio Nobel serem ‘mais literários’ do que os posteriores. Estes, no entanto, estão a receber um maior eco a nível internacional. Saramago está no *Sightgeist* – um trocadilho que Tim Parks (1999) escolheu como título do seu comentário sobre ENS-C (e EVA) em *The New York Review of Books*.³ Logo após a atribuição do Prémio Nobel, apareceram simultaneamente dois livros com o mesmo título (*Ler Saramago / Saramago lesen*) e o objectivo comum de oferecer uma visão global da obra saramaguiana, centrada nos romances: enquanto Beatriz Berrini (1998) propõe ao leitor um percurso ilustrativo (extensa parte iconográfica; entrevista de 1994) sem requisitos teóricos, Grossegeesse (1998) apresenta, de forma comprimida, com múltiplas referências teóricas e literárias, cinco linhas gerais de leitura e análise, complementadas com uma breve biografia e uma extensa bibliografia activa e passiva.⁴

O panorama de uma crescente des-nacionalização da recepção, pouco vulgar para um autor português, patenteia-se na bibliografia elaborada por Teresa Liparulo (1999), a mais completa até à actualidade. No entanto, a quase ausência de estudos académicos fora do espaço lusófono (com excepção da Itália), preenchida por uma ampla mostra de artigos breves, notas de leitura, notícias e depoimentos, publicados em grande parte no seguimento da atribuição do Prémio Nobel, deixa entrever uma opção preconcebida da pesquisa bibliográfica (simplificando: filologia portuguesa, brasileira e italiana + imprensa internacional).⁵ Deste modo, muitos estudos lusitanistas, elaborados e publicados no espaço não-lusófono, são negligenciados. Contudo, mesmo entre os ensaios escritos em português, verificam-se em Liparulo (1999) lacunas significativas.⁶ A bibliografia selectiva de Grossegeesse (1998, pp. 123-138) acaba antes do Prémio Nobel (vd. capítulo de introdução) e privilegia as publicações nos países de língua alemã. O panorama da crítica portuguesa está incompleto. Livros que oferecem uma visão geral ou evolutiva da obra saramaguiana merecem um breve comentário informativo e crítico. Com base em ambas as bibliografias e em pesquisas próprias, Anna Klobucka (2001, pp. 273-277)

² Para economizar o espaço desta bibliografia comentada, utilizamos siglas para os títulos dos romances (vd. Bibliografia).

³ Só em casos excepcionais, fazemos referências individualizadas a recensões ou notas de leitura. A quantidade dos textos existentes só poderia ser comentado em estudos de recepção de cada um dos romances.

⁴ O “Roteiro” superficial de Eduardo Calbucci (1999), estudante paulista de 23 anos, nem merece uma nota de rodapé.

⁵ Esta observação também é válida para a bibliografia passiva (muito mais reduzida do que Liparulo, 1999) apresentada no site do Instituto Camões: www.instituto-camoes.pt/escritores/saramago/estudos.htm (última visita: Dezembro de 2004). Uma recolha de ‘vozes de todo o mundo’ sobre Saramago também é o objectivo da revista Camões (1998) da mesma instituição.

⁶ A título de exemplo, eis três textos importantes para a crítica de ANO, ausentes em Liparulo (1999): Eduardo Lourenço (1986), Elvira Souto (1990) e Fernando Pinto do Amaral (1997).

focaliza, por um lado, teses e monografias e, por outro, estudos e artigos escritos em inglês. Todas estas bibliografias não incluem pesquisas no espaço virtual. Um *site* de bibliografia saramaguiana bem estruturada e abrangente continua a ser um *desideratum*.

Uma análise das bibliografias identifica, por um lado, as lacunas do trabalho crítico e, por outro, as comunidades filológicas, a convivência ou até a amizade entre o autor e alguns críticos que acompanham, de longa data, a carreira literária, como José Manuel Mendes (escritor e presidente da APE), Luís de Sousa Rebelo, Luciana Stegagno Picchio, Maria Alzira Seixo, Teresa Cristina Cerdeira da Silva e Carlos Reis, entre outros: eles contribuem para a *construção* da obra saramaguiana e do seu autor, por sua vez em extensa actividade de auto-comentário.⁷

Nomeadamente os lançamentos dos últimos três romances, entre 2000 e 2004 (CAV, HOM, ENS-L), foram eventos mediáticos bem orquestrados e documentados em inúmeras entrevistas, notas de leitura e resenhas, de um modo quase simultâneo em Portugal e Espanha, graças à tradução imediata dos romances pela esposa, Pilar del Río. Na actualidade, ainda é difícil proceder a uma análise distanciada do relacionamento da vida literária, académica e política, nomeadamente do ‘diálogo’ complexo entre o escritor e os múltiplos discursos políticos, mediáticos e filológicos que conduzem tanto a rejeição polémica como a consagração eufórica de ‘José Saramago’ português, ibérico, europeu e mundial. Paradigmático é o caso dos *Cadernos de Lanzarote* (1994-1998), mais criticados do que lidos (recomenda-se o estudo subtil de Fernando Venâncio 1999), bem como das *Folhas Políticas* (2000), largamente silenciadas.

Para além das notas críticas de Abel Barros Batista (1998) e Fernando Venâncio (2000), destacamos os ensaios de Burghard Baltrusch (2001b; 2004: quase idênticos) e Onésimo Teotónio Almeida (2003) que se interrogam sobre a *construção* da obra e do autor partindo da “mitificação da inexistência do narrador” (Baltrusch 2004, p. 115) e da refutação de “dois Saramagos”, pós-moderno sim e não (Almeida, cit. Vecchi 1999): Saramago recria “a ideia romântica da obra de arte total, incluindo o próprio leitor / espectador” (Baltrusch 2004, p. 115); obra e autor formam uma “grande unidade e coerência ideológica” (Almeida 2003, p. 23). Com isto, não se admite nem uma literatura fora da ideologia, compreendida pelo escritor no sentido de mundividência (no entanto, contraditória: marxista não ortodoxa), nem um autor-cidadão (relação entre o Eu e o mundo) fora da escrita, seja qual for o género (cf. também Grossegessse 1998, p. 91).

Ambos os ensaios se baseiam, em boa parte, nos *Diálogos com José Saramago*, um conjunto sistemático de oito entrevistas de Carlos Reis com o escritor, ocorridas na sua casa em Lanzarote, em Janeiro de 1997, mas só publicadas em Dezembro de 1998, após a atribuição do Prémio Nobel. Embora Saramago tenha dado centenas de entrevistas aos jornalistas de todo o mundo, estes diálogos abrem novas perspectivas, como afirma Eduardo Prado Coelho (1998), avançando “a hipótese de que a chave da composição dos livros de Saramago está neste enredamento do salto e da linha”: Saramago recusa o conceito de inspiração, mas admite que “existem saltos de razão”; outra parte da obra é con-

⁷ É algo inexplicável que o *I Colóquio Internacional José Saramago* (Amherst, Massachusetts, 18-20 de Setembro de 1996), com participação do próprio autor, até à actualidade não é documentado em Actas (Lisboa: Caminho, no prelo?). A bibliografia de Grossegessse (1998) ainda refere as contribuições, na suposição de uma publicação iminente. Entretanto, alguns estudos foram reaproveitados noutros contextos e separadamente publicados.

dicionada por “encomendas institucionais – mas toda ela dominada por um voluntarismo da escrita (que é insistentemente dissociada de um ‘prazer da escrita’)” (Coelho 1998). O livro *Diálogos com José Saramago* tem um grande impacto em toda a crítica pós-1998. A publicação anterior de Juan Arias (1998) ficou praticamente eclipsada, excepto em Espanha e no Brasil. O jornalista espanhol, especializado em entrevistar grandes personalidades, conversou com José Saramago e Pilar del Río, em Setembro de 1997, sobre os mesmos temas que Carlos Reis, no entanto com menos precisão nas questões da criação literária.

Em simultâneo com a crescente consagração ao longo dos anos noventa, o escritor e uma comunidade filológica bem definida mostram um maior interesse na *construção* da obra e do autor. Este interesse atingiu um ponto alto em 1997, quando a editora Caminho (que, a partir de 1980, publica todas as obras de Saramago) reedita o primeiro romance *Terra do pecado* (Minerva: 1947; título original *A Viúva*), repetidamente desvalorizado pelo autor. No entanto, esta reedição só aparentemente inesperada motiva a celebração dos “50 anos de escritor” (número especial de *Jornal de Letras* XVII / 690, em 26 de Março de 1997) e torna-se um êxito de vendas (com certeza, absurdo) na hora do Prémio Nobel. No mesmo ano de 1997, publica-se, com apoio do próprio escritor, a dissertação *José Saramago: o período formativo* (Yale: 1993) de Horácio Costa. É o primeiro estudo, bem fundamentado, sobre a evolução de 1947 a 1980, abrangendo as notas de leitura, crónicas, contos e poesias bem como a vasta actividade de tradutor literário e não-literário. Este “desenterramento” assinala uma viragem parcial na crítica saramaguiana⁸, até então quase exclusivamente centrada no comentário e na análise dos grandes romances MEM, ANO, JAN, HIS, com excepção do estudo pioneiro sobre a evolução, realizado por Maria Alzira Seixo em *O essencial sobre José Saramago* (1987).

É também M.A. Seixo (ed.) 1999 que, na hora da consagração, lança o projecto colectivo de “iluminar o conjunto das zonas genéricas da sua obra, da poesia ao conto, da crónica ao romance, do teatro ao diário” (p. 9). Neste contexto surgem estudos que se dedicam às raízes da escrita saramaguiana, nomeadamente na poesia (1966-1975) que o próprio autor definiu como uma “espécie de prólogo para o romance”⁹, bem como nas crónicas (1968-1972) que, nas palavras do autor, “dizem tudo (e provavelmente mais do que a obra que veio depois) aquilo que eu sou como pessoa, como sensibilidade, como percepção das coisas, como entendimento do mundo; tudo isso **está** nas crónicas” (in Reis 1998: 42; negrito no orig.). Uma releitura de *Deste mundo e do outro e A Bagagem do Viajante* (Moutinho 1999) comprova plenamente esta auto-interpretação, já conhecida de entrevistas anteriores. No sentido da evolução, as crónicas constituem sem dúvida “um momento de transição entre a poesia (...) e a prosa”. No entanto, parece exagerado atribuir-lhes “o seu original modo pós-modernista de pensar e escrever” (*Ibid.*). Com maior discernimento, Fernando J.B. Martinho (1999) enquadra a lírica saramaguiana no contexto da história literária portuguesa, destacando “uma preocupação vincadamente construtivista” na apropriação de diversos legados (tradicional,

⁸ Por exemplo, Pereira (2000) sobre a passagem de Saramago pelos *Estúdios Cor* e a relação com José Rodrigues Miguéis (correspondência 1959-1971) que motiva uma comparação da *construção* do autor.

⁹ Realçando “uma relação que eu suponho que existe, entre a minha poesia e o meu romance” (em: Reis 1998, p. 112).

modernista), sem esquecer o sentido evolutivo da “vocalização narrativa” que se evidencia com maior nitidez em *O Ano de 1993*. M. Lourdes Cidreas (1999) e Cristina Serôdio (1999) aplicam um *close reading* ao primeiro livro, *Poemas possíveis* (1966), tendo em conta as alterações na reedição (1982); José Rodrigues de Paiva (1999) comenta a lírica em geral, enquanto Américo Lindeza Diogo (1999) analisa *O Ano de 1993* como narrativa alegórica, desmistificando a indeterminação genológica na transição para o romance (cfr. Seixo 1987, p. 22; vd. M.L.W. de Oliveira 1999). De um modo semelhante, a “hibridez genérica” da crónica oferece uma “oportunidade ideal para a realização de exercícios de aprendizagem narrativa (...) que seriam decisivos para a elaboração de MAN” (Martins 1999, p. 103).

Existe, de facto, um renovado interesse por MAN (1977), romance eclipsado pelos posteriores êxitos internacionais. Já em 1987, M.A. Seixo considerou-o um “cadinho de elaboração de todas as tendências pré-ficcionais” (1987, p. 28f); contudo, só a consagração do escritor fez despertar a atenção para o valor evolutivo deste “ensaio de romance” (subtítulo da 1ª edição). Isto significa, ao mesmo tempo, a redescoberta de um romance em muitos aspectos mais experimental e inovador do que os posteriores, numa apropriação do “nouveau roman” (Costa, 2001, n. 2; Grossegesse 2001a), já analisada no contexto do romance pós-25 de Abril por Gesa Hasebrink em *Wege der Erneuerung* (Berlin: tranvia 1993). Quanto ao primeiro aspecto, destaca-se a introdução aos *Diálogos com José Saramago*, intitulada “O escritor em construção” (Reis 1998, pp.11-27), enquanto Roberto Vecchi (1999) procede a uma releitura que vai além da abordagem evolutiva, recuperando o “romance de ideias”. Na tese de Ana Paula Arnaut (2002), MAN é objecto de análise relativamente às “(in)definições genológicas” no romance português contemporâneo, junto com *Amadeo* (1984) de Mário Cláudio e *Balada da Praia dos Cães* (1982) de José Cardoso Pires. MAN é classificado de *autorbiografia* (em vez de autobiografia). Trata-se de um termo proposto por Luigi Cazzato (1995) no âmbito do (declínio do) pós-modernismo, que implica a configuração de diferentes modos de *ansiedade metaficcional*. Pela análise de MAN, Arnaut (2002, p. 172s.) chega a uma definição muito próxima de Almeida (2003) e Baltrusch (2001b; 2004) na questão do ‘autor’.

O conto e o teatro pertencem às zonas da criação saramaguiana até à actualidade menos estudadas, devido ao seu “estatuto de ‘obras menores’” que Perfecto E. Cuadrado (2002) analisa no caso de *Objecto quase* (1978). Ao contrário da poesia, auto-definida como “prólogo do romance”, o conto e o teatro não se cingem a zonas de génese, mas continuam presentes na produção de Saramago até à actualidade, no entanto mais motivado por encomenda institucional e por isso muitas vezes injustamente desvalorizado. Margarida Braga Neves (1999) descreve um conjunto de “nexos, temas e obsessões” na narrativa breve (também nas crónicas) ao longo da evolução saramaguiana. No entanto, omite *O conto burocrático do capitão do porto e do director da alfândega* (escrito em 1993; publicado em 1996) que confirma não só a continuidade da ficção breve na poética do autor (vd. *Cadernos de Lanzarote*, I, p. 17), mas também a insistência de fazer contos em torno da questão do poder. A mesma temática também constitui o núcleo duro da escrita dramática. Para além dos breves comentários de Luiz Francisco Rebello (em síntese: 1999) que acompanha toda a trajectória de Saramago neste campo, existem poucos ensaios (Mongelli 1998; M.H. Serôdio 1999) que procurem uma definição crítica do teatro saramaguiano sem dependência valorativa dos romances. Há, sem dúvida, lacunas de

pesquisa bibliográfica¹⁰, bem como de trabalho académico relativamente ao ‘diálogo’ da escrita saramaguiana com outras expressões artísticas, cada vez mais frequente, seja por iniciativa do próprio escritor ou por iniciativa de leitores produtivos, como no caso da colaboração em livros do fotógrafo Sebastião Salgado ou no caso da única adaptação cinematográfica admitida pelo autor (JAN). Destacamos o estudo de Graziella Seminara (1999) sobre as óperas de Azio Corghi, *Blimunda* (1990) e *Divara* (1993), com libretti baseados em MEM e *In nomine Dei*, respectivamente, sem esquecer a cantata *La morte di Lazzaro* (1995) inspirado num episódio de EVA. M.Vieira de Carvalho (1998) traça a ligação entre ambas as protagonistas, pisando, como Seminara (1999), um terreno interdisciplinar pouco cultivado entre o estudo da música e da dança, a história de corpo, religião, filosofia e mitologia e os *gender studies*, com questões interessantes, mesmo relativamente aos grandes romances, por exemplo MEM (Ponce de Leão 2000/01) ou EVA (Bastazin 1999; Batuca 2001).

Blimunda constitui um centro na obra saramaguiana, quando entendida como reescrita da história das mulheres a partir de uma perspectiva não-feminista, “criando casais paradigmáticos, genesíacos” (Madrugá 1998, p. 136; vd. Carreira 2001). No entanto, Baltrusch (2001a, p. 182) questiona a transgressão efectivada pela conversão da imagologia patriarcal (bruxa/ santa) numa “utopia feminina de raiz telúrica” (Grossegeesse 1998, p. 75), argumentando com a persistência de um discurso masculino que mitifica a mulher em projecções fixas. Ana Paula Ferreira (2001) compreende a insistente experimentação com “sanctioned scripts of gender and class division” sob a perspectiva da dialéctica negativa marxista pós-estruturalista: qualquer crítica revolucionária só pode ocorrer dentro de estruturas opressivas (*gender, class*). É no espaço utópico da criação artística que esta operação pode ter algum fruto revolucionário. Daí a tríade recorrente de mulher – arte – amor, na tradição platónica, como condição de um espaço-força sempre emergente (gravidez / parto), capaz de anular (temporariamente) estruturas de opressão, profetizando *outro* tempo e espaço (Grossegeesse 1998, pp. 74-77). Neste contexto, a arquitectura como modelo da escrita bem como princípio organizador do espaço representado na escrita, adquire maior relevância, como comprova a tese do arquitecto José Joaquín Parra Bañón (1999), apadrinhado pelo próprio Saramago. Analisando o pensamento arquitectónico em toda a obra, inclusive poesia e crónicas, até ao romance CAV, a tese focaliza noções de casa, lugares de passagem como porta e janela, culminando em conceitos do urbano. Ao contrário do livro de M.A.Seixo (1999a) sobre os lugares na ficção saramaguiana, que reaproveita trabalhos anteriores, Parra Bañón (1999) não teve muito eco na comunidade filológica, pouco aberto para a interdisciplinaridade realmente praticada. É compreensível que a questão da identidade (o nome; o duplo) e do (não-)lugar, essenciais nos romances ENS-C, TOD e CAV, tenham suscitado estudos (Vieira 1999: de EVA a TOD; Carreira 2001b) que conduzem à releitura de romances anteriores e à descoberta de uma mundividência firme, visando “uma redimensão do eu num mundo condicionado pelo capitalismo e pela cultura consumista, [...] relegando a um segundo plano os direitos do homem” (Carreira 2002).

Este facto conduz novamente ao terreno movediço da literatura e ideologia, arriscando converter o crítico ou estudioso num ‘missionário’ de segundo grau. Faz também

¹⁰ A categoria “Notas sobre Espectáculos Teatrais e Musicais” (Liparulo 1999, p. 90 s.) só oferece algumas pistas para estudos de recepção.

regressar à *construção* da obra: o próprio autor chama ENS-C, TOD e CAV uma “trilogia involuntária” unida pela visão do mundo. Em Maio de 1998, poucos meses antes da atribuição do Prémio Nobel, Saramago revisitou a Universidade de Turim (*doutor honoris causa* em 1987), esboçando uma poética evolutiva da sua obra: “Quando acabei o EVA não sabia que andara a descrever uma estátua, para isso tive de perceber o que acontecia quando deixava a descrição duma superfície e passava para o interior da pedra. E isso só pôde acontecer com o ENS-C” (Saramago 1998, p. 73). O discurso improvisado com o título *A Estátua e a Pedra*, publicado numa edição limitada para bibliófilos e retomado em entrevistas posteriores¹¹, será completado pelo discurso proferido em Estocolmo, *De como a Personagem foi Mestre e o Autor seu Aprendiz*, igualmente editado em livro (Saramago, 1999). Luciana Stegagno Picchio (1999) fala de uma “lição da pedra”, evocando *A Educação pela Pedra* (1962-65) de João Cabral de Melo Neto. Esta construção de uma poética da própria escrita, em harmonia com uma certa auto-mitificação que atingiu protagonismo no ano de 1998, está, no entanto, já contida nalgumas poesias e crónicas dos anos 60, como “Os olhos de pedra” ou “A oficina do escultor” e, sobretudo, no romance MAN. O motor da escrita saramaguiana é o apelo de “inverter a petrificação” (Grossegese 1998, pp. 19-29; 1999). Daí a relevância da estátua do mártir S. Bartolomeu em Mafra (esfolamento) como ponto de partida (autobiográfico) de uma escrita que, em vez de transformar sofrimento em arte, promove a transformação dos gritos e choros da humanidade no *grito* que anuncia o “auto-nascimento” para um *tempo novo*: assim, um marxismo pouco ortodoxo conflui com uma maiêutica socrática para constituir uma poética do sublime (parcialmente) *negado* (Grossegese 1999; 2005). As múltiplas formas de negação na escrita saramaguiana correspondem a uma poética e ética da negação (Perrone-Moisés 1999a).

No entanto, a análise desta poética no seu pendor metafórico e alegórico e nas diversas realizações textuais é um caminho pouco escolhido pela crítica actual que prefere aplicar conceitos teóricos “duros”: dominam as questões da pós-modernidade, do romance histórico e da metaficção (historiográfica), da intertextualidade ou da “estética da citação” (Matei Calinescu), de ironia, plurivocalismo e perspectivismo narrativo (conservador ou inovador), da construção ou des-construção de mitos e discursos, nomeadamente no âmbito dos *culture* e *gender studies*. Estas questões permitem aproximações comparativas, contribuindo para a entrada de Saramago no cânone internacional da literatura contemporânea, consagrada pelos elogios do ilustre crítico Harold Bloom. Destacamos, entre os estudos comparativos, as teses de Maria Odete Santos Jubilado (2000: com Philippe Sollers), Stephan Uhly (2000: com Umberto Eco e João Ubaldo Ribeiro), Shirley de Souza Gomes Carreira (2000: com John Fowles) e Adriana Martins (2002: com Gore Vidal). O projecto *In Dialogue with Saramago* (Col. Amherst, 2002) conseguiu reunir ensaios sobre LEV (Sabine 2005: com García Márquez), ANO (Grossegese 2005: com Borges e Dante), TOD (Buescu 2005: com Dostoiévski) e ENS-C (Ornelas 2005: com Camus¹²).

No que diz respeito à produção de estudos que se dedicam aos romances, verifica-se uma saturação relativamente à MEM. Tal não é o caso de ANO: contudo, em vez de con-

¹¹ Saramago in Jorge Halperin (1998).

¹² Vd. também Gago (1999), de uma forma mais superficial.

tinuar centrado no intertexto pessoano já bastante explorado (ainda Bueno 1999, Siepmann 2003: com Tabucchi), analisam-se outros intertextos, nomeadamente Borges (Grossegeesse 2003; 2005), a representação cultural do espaço urbano (Smolka 2001: com Cardoso Pires e Mário de Carvalho) e a configuração da realidade histórica, elaborada com base em jornais e emissões radiofónicas (Braga Bertoquini 1999). Estas representações implicam uma crítica relativamente à percepção passiva e distanciada do ‘mundo’ (o ano de 1936 espelha a situação actual do cidadão-espectador diante do ecrã) e constitui um modelo discursivo literário de *trabalhar* o passado, não só de Portugal e Espanha (Sapega 2005: com Jorge de Sena) mas também de toda a Europa (Nunes 2003).

O romance JAN desde sempre atraiu a crítica internacional, por tratar de questões de identidade nacional e cultural, não só no contexto peninsular mas também dentro do triângulo Europa – África – América (Sul / Norte). Neste contexto do *trans-iberismo* e do pós-colonialismo, o romance é comentado por Claudius Armbruster (1999; 2001: com Goytisoló e Torga) e Burghard Baltrusch (2004), nas consequências ideológicas e narrativas (vd. também Lago, 1999; 2000). Grossegeesse (2001) e Mark Sabine (2001) analisam como a presença intertextual do poeta e filósofo Antonio Machado contribui para o sentido de JAN, só aparentemente menos complexo do que MEM e ANO, influenciando decisivamente no conceito da temporalidade saramaguiana. Thielemann (1999b) define, partindo do marco teórico da linguística textual, fios (de Ariadne) portadores de sentido, sugerindo a existência de um plano (imagem do novo), plenamente confirmado pela análise de um documento da génese (Seixo 1999; com caderno fac-simile, comentado). Com a publicação de *O conto da ilha desconhecida* (1997) para o Pavilhão de Portugal na EXPO ‘98, surgem textos sobre a temática da viagem, ilha e utopia que revisitam JAN, nas tradições da literatura e do pensamento filosófico (Washbourne 2000; Lourdes Cântico Martins 2004).

A questão da pós-modernidade continua a dominar as leituras de HIS como metaficção historiográfica (Lago 2000; Arnaut 2002, pp. 295-354) nos aspectos de técnica narrativa e de ideologia. Ettore Finazzi-Agrò (1999) prescinde desta terminologia na sua leitura filosófica à luz de *Die Kunst und der Raum* de Heidegger. Da mesma forma que MEM e ANO, o romance HIS concede protagonismo ao espaço urbano, como representação da realidade e como princípio estruturante metafórico de *cerco e labirinto* (I. de Oliveira 1999). Passados os debates teológicos (resumo e bibliografia em Machado, 1998), as leituras de EVA centram-se na *arte da reescrita* do Evangelho (Fokkema 1999), na dessacralização da história religiosa através de dialogismo e intertextualidade, e na transgressão do género no polimorfismo do romance (Krysinski 1999; Bloom 2001). Os críticos de renome internacional que acabámos de citar demonstram que EVA é actualmente o romance de maior reconhecimento mundial, ainda superior a MEM.

A publicação muito esperada de ENS-C reacendeu os debates ideológicos (comunismo, pessimismo, cristianismo) no contexto *finimilenar*. Para além da análise da técnica narrativa, os estudos académicos encontram poucos aspectos para a análise, esgotando-se em constatações gerais (Schor 1999; Thielemann 1999). Outros tratam da desconstrução urbana (Costa 1999: com Doris Lessing), da re-escrita de temas da Antiguidade clássica (Schönberger 1999), da sua dimensão alegórica relativamente à História e Civilização, também presente no anterior *O Ano de 1993* (Krabbenhof 2001: com *Verfremdung* e *Sci-Fi*) ou no posterior TOD, analisada por Isabel Pires de Lima (1999) sob o olhar do *Engel der Geschichte* de Walter Benjamin. O carácter ‘mais literário’ de TOD e

o seu perfil limitado de *novela*, que propicia uma leitura alegórica e uma *suma* do narrar e pensar de Saramago, fazem florir estudos críticos que, em geral, não trazem muitas novidades relativamente às linhas da crítica saramaguiana já estabelecidas. Destacamos os ensaios de Leyla Peronne-Moisés (1999b), Adrián Huici (1999) e David Frier (2001), com múltiplas referências literárias (Danilo Ki?, Borges e Dante, respectivamente) e evolutivas relativamente aos conceitos saramaguianos de identidade, temporalidade e espaço (cidade, labirinto e utopia / eutopia) realizados em romances anteriores. TOD e CAV confirmam a entrada de Saramago no cânone internacional, com tradução rápida nas línguas mundialmente mais divulgadas, facilitando uma recepção muito alargada. Estes fenómenos são significativos para uma área de investigação na tradução e recepção, de ângulos muito diversos, desde a linguística textual até aos *culture studies*. Excluímos os respectivos estudos desta bibliografia comentada por razões de espaço e não por considerá-la uma área menor.

A entrada de Saramago no cânone nacional é mais espinhoso, nomeadamente no caso de EVA (e depois ENS-C), devido às resistências de círculos influentes próximos da igreja católica. O próprio facto da internacionalização, nomeadamente a des-nacionalização de Saramago, totalmente integrado na vida literária, social e política de Espanha e do espaço hispano-americano (nomeadamente México) são desfavoráveis. Daí uma ‘redução’ da obra saramaguiana numa parte valorizada para a identidade nacional (de LEV até HIS). Maria de Fátima Marinho (1999) inclui Saramago na sua obra *O Romance Histórico em Portugal*: na parte 4, sob o título “(Re)escrever a História”, dedicada a textos produzidos desde 1963, aparecem numerosas referências à obra saramaguiana, sem, no entanto, lhe atribuir protagonismo. O capítulo “A Nova Saga Familiar” é inaugurado por LEV, seguido de Álvaro Guerra e Mário Cláudio, entre outros; no capítulo “Focalização Heterodoxa”, MEM é tratado em simultâneo com o romance *Além do Maar* (1994) de Miguel Medina, uma desmitificação dos descobrimentos portugueses imerecidamente ignorada pela crítica; no vasto capítulo “História(s) Alternativa(s) e Subversiva(s)”, no qual a autora se debruça sobre romances de Herberto Helder, Agustina Bessa-Luís, Augusto Abelaira e Mário Cláudio, aparece um breve texto (pp. 269-277) dedicado aos romances ANO, HIS e EVA, este último visto na tradição de paródias bíblicas, com referência a *Joseph und seine Brüder* de Thomas Mann, aliás citado em epígrafe no estudo de Fátima Marinho.

Os romances que mais dialogam com a História e a Literatura portuguesas (MEM, ANO, HIS) entraram a partir dos anos noventa no cânone nacional, tornando-se presença nos livros de texto de Língua Portuguesa, História e Literatura Portuguesa. A partir de 1995, MEM ficou contemplado no currículo de Literatura Portuguesa do Ensino Secundário. A consequência é a produção de livrinhos que oscilam entre o “didactismo vulgarizante para consumo de alunos (e, não raro, deformante da obra)” e “a especialização académica”: com estas palavras, Miguel Real (1995, p. 11) define de um modo crítico os extremos que ele próprio procura evitar num contributo que excede claramente a dimensão didáctica.

Depois de Miguel Real (1995) e Teresa Azinheira/ Conceição Coelho (1995; 2007), surgiram opúsculos de apoio pedagógico de Maria Almira Soares (1999), Maria Joaquina Nobre Júlio (1999) e Isabel Vaz Ponce de Leão/ Maria do Carmo Castelo-Branco (1999). O texto de Soares (1999), isento de um índice, referências teóricas e rigor metodológico, constitui mais um apelo à leitura de MEM do que propriamente um apoio de

análise. O público-alvo (professor ou aluno?) fica indefinido. Revelando certo pendor poético (uso de metáforas), Soares aborda – sempre num *close reading* – tópicos como o tempo, a incerteza, a ironia e as ambiguidades, focalizando os modos de *ver* e de *narrar*, abrangendo também a própria autoreflexividade do discurso narrativo. Numa abordagem totalmente diferente, Júlio (1999) e ainda mais Ponce de Leão/ Castelo Branco (1999) traçam um trajecto de leitura, balizado por marcos de referência teórica e histórico-literária. A problemática do romance histórico, o uso do fantástico, o plurivocalismo e os elos intertextuais são questões centrais.

Na vertente de textos com objectivo didáctico comprova-se um diagnóstico geral: a produção de textos sobre a obra de Saramago caracteriza-se mais pela quantidade do que pela inovação qualitativa. Muitas vezes, encontram-se próximos demais do acto da leitura, imbuídos de fascínio pela obra e pela personagem do autor, em detrimento de uma linguagem analítica e de uma distância crítica, de uma aplicação metódica de contextos teóricos definidos com objectivos claros e, finalmente, do acto auto-reflexivo da escrita. Em muitos casos, a pesquisa bibliográfica é limitada ou quase ausente. O presente ensaio pretende contribuir para um maior conhecimento do que já foi dito sobre a obra saramaguiana, incentivando, por sua vez, novas abordagens.

Bibliografia

Saramago

Siglas utilizadas para os romances (ordem cronológica):

MAN = Manual de Pintura e Caligrafia; LEV = Levantado do Chão; MEM = Memorial do Convento; ANO = O Ano da morte de Ricardo Reis; JAN = Jangada de Pedra; HIS = História do Cerco de Lisboa; EVA = O Evangelho segundo Jesus Cristo; ENS-C = Ensaio sobre a cegueira; TOD = Todos os nomes; CAV = A Caverna; HOM = O Homem duplicado; ENS-L = Ensaio sobre a lucidez.

A Estátua e a Pedra. (ed.) Giancarlo Depretis, Univ. Torino / Univ. Illes Balears, Alessandria: Ed. dell'Orso 1999, 107 páginas [Discurso 1998; epílogo Luciana Stegagno Picchio]

Discursos de Estocolmo. Lisboa: Caminho 1999. [“De como a personagem foi Mestre e o Autor seu aprendiz”, pp. 11-39]

Bibliografia passiva de 1998 a 2004

Almeida, Onésimo Teotónio: “A mundividência saramaguiana ou a coerência na busca da materialização da ordem necessária”, em: *Em Louvor da Linguagem: Homenagem a Maria Leonor Carvalhão Buescu*. Lisboa: Colibri 2003, pp. 22-30.

Arias, Juan: *José Saramago: El amor posible*. Barcelona: Planeta 1998 [entrevista com Pilar del Río: pp. 159-191]. 191 páginas. *O amor possível*, versão portuguesa (Lisboa: Dom Quixote 1999) e brasileira (Ed. Manati 2003).

Armbruster, Claudius: “Iberien und/oder Europa: iberische Identitätskonstruktionen in den Literaturen Spaniens und Portugals”, em: Sybille Große/Axel Schönberger (eds.): *Dulce et deco-*

- rum est philologiam colere: Festschrift für Dietrich Briesemeister*. Berlin: Domus Editoria Europaea 1999, pp. 1485-1514.
- “Iberische Wurzeln und Rhizome – Postkoloniale und periphere Identitätsbegründungen auf der Iberischen Halbinsel”, em: Gómez-Montero (ed.) 2001, pp. 223-245.
- Arnaut, Ana Paula: *Post-Modernismo no Romance Português Contemporâneo. Fios de Ariadne – Máscaras de Proteu*, Coimbra: Almedina 2002, 387 páginas [Univ. de Coimbra: tese de doutoramento].
- Baltrusch, Burghard: “‘Sei que sei, não sei como sei’ – Weiblicher Mythos und männliche Imago-logie in MEM”, em: Lange/Smolka (ed.), 2001a, pp. 171-191.
- “A Nova Mensagem de José Saramago – a crítica dos discursos narrativos e da imagologia nacional”, em: Javier Gómez-Montero (ed.) 2001b, pp. 247-266.
- “Sobre o ‘Transiberismo’ como Meta-narrativa. José Saramago entre Universalismo e Pós-colonialismo”, em: Orlando Grossegesse (ed.): *‘O estado do nosso futuro’. Brasil e Portugal entre identidade e globalização*. Berlin: tranvia 2004, pp. 111-133.
- Bastazin, Vera: “A construção do herói mítico em EVA” em: Berrini (ed.) 1999, pp. 25-61.
- Batista, Abel Barros: “O tubo de cola, Saramago e a ideia de autor”, *Ler* 43, Verão-Outono de 1998, pp. 92-95.
- Batuca, Carla: “EVA von J.S. – Angriff auf das religiöse Erbe der Portugiesen oder eine alte/neue Sicht des christlichen Mythos?”, em: Lange/Smolka (ed.) 2001, pp. 157-169.
- Berrini, Beatriz (ed.): *José Saramago. Uma Homenagem*, São Paulo: educ/FAPESP 1999. 295 páginas [14 artigos].
- *Ler Saramago: O Romance*. Lisboa: Caminho 1998. 245 páginas.
- Bloom, Harold: “The One With the Beard is God, the Other is the Devil”, em: Klobucka (ed.) 2001, pp. 155-166.
- Braga Bertoquini, Maria Inês: *Ricardo Reis e a História: morte, vida ou ressurreição?* Tese de Mestrado. Universidade do Porto 1999 [policop.].
- Briesemeister, Dietrich e Schönberger, Axel (eds.): *Von José Saramago, António Lobo Antunes, Fiama Hasse Brandão und dem Sexameron: zur Literatur der neunziger Jahre in Portugal und Brasilien*. Frankfurt/M.: TFM (Biblioteca Luso-Brasileira, 10) 1999. [4 artigos].
- Bueno, Aparecida de Fátima: “Das Odes ao romance: a construção do personagem em ANO”, *Veredas* 2 (1999), pp. 195-211 [com base na tese de mestrado: *O Poeta no Labirinto: a construção do personagem em ANO*, Campinas (UNICAMP) 1999].
- Buescu, Helena Carvalhão: “Encontro como desencontro: TOD de J.S. e *Noites Brancas* de Dostoiévski”, em: Martins e Sabine (eds.), 2005.
- Calbucci, Eduardo: *Saramago. Um Roteiro para os romances*. São Paulo: Ateliê Ed 1999.
- Camões [Instituto]* (ed.): *Saramago* [revista *Camões* 3], Outubro – Dezembro de 1998.
- Carreira, Shirley de Souza Gomes: “A (des)construção da identidade na obra de J.S.”, *Sincronía. An E-Journal of Culture Studies*, México: Univ. de Guadalajara 2002.
- “Female characters in Saramago’s novels”, *Sincronía. An E-Journal of Culture Studies*, México: Univ. de Guadalajara, Verão de 2001a.
- “O não-lugar de escritura: Uma leitura de ENS-C de J.S.”, *Sincronía. An E-Journal of Culture Studies*, México: Univ. de Guadalajara, 2001b.
- *Fowles e Saramago: entre a ficção e a história*. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: UFRJ, 2000.
- Carvalho, Tânia Franco/Tutikian, Jane (eds.): *Literatura e história. Três vozes de expressão portuguesa. Helder Macedo, José Saramago, Orlanda Amarílis*. Porto Alegre: UFRGS 1999. 154 páginas [Colóquio Abril 1997; 4 artigos].
- Cazzato, Luigi: “Hard Metafiction and the Return of the Author-Subject: The decline of Post-modernism?”, em: Jane Dowson/Steven Earnshaw (eds.): *Postmodern Subjects/Postmodern Texts*. Amsterdam/Atlanta: Rodopi 1995, pp. 25-39.

- Cidraes, Maria de Lourdes: “Da possibilidade da poesia: *Os poemas possíveis* de J.S.”, em: Seixo (ed.) 1999, pp. 37-51.
- Coelho, Eduardo Prado: “O salto e a linha”, *Leituras*. Suplemento *Público* 3201 (1998), p. 8.
- Costa, Horácio: “Alegorias da desconstrução urbana: *The memoirs of a survivor* de Doris Lessing e ENS-C de J.S.”, em: Berrini (ed.) 1999, pp. 127-148.
- “Saramago’s Construction of Fictional Characters: From *Terra do Pecado* to *Baltasar and Blimunda*”, em: Klobucka (ed.) 2001, pp. 33-48.
- Cuadrado, Perfecto E. (2002): “*Objecto quase* y el estatuto de las obras menores”, *Ínsula* 663, Março de 2002, pp. 28-30. [Colóquio Amherst 1996].
- Diogo, Américo Lindeza: “*O Ano de 1993*: representação e poder. Provérbios”, em: Seixo (ed.) 1999, pp. 65-78.
- Doutoramento honoris causa de José Saramago*. Caminho/Universidade de Coimbra 2004. 69 páginas [com discurso de Carlos Reis e fotografias].
- Finazzi-Agrò, Ettore: “Da Capo. O texto como palimpsesto na HIS”, em: Seixo (ed.) 1999, pp. 341-351.
- Fokkema, Douwe: “The Art of rewriting the Gospel”, em: Seixo (ed.) 1999, pp. 395-402.
- Frier, David: “Righting Wrongs, Re-Writing Meaning and Reclaiming the City in S.s ENS-C and TOD”, em: Klobucka (ed.) 2001, pp. 97-122.
- Gago, Carla Fernanda Lopes do: “A ‘banalidade do mal’ no ENS-C de J.S.”, em: Briesemeister e Schönberger (eds.) 1999, pp. 39-50.
- Gómez-Montero, Javier (ed.): *Minorisierte Literaturen und Identitätskonzepte in Spanien und Portugal: Sprache – Narrative Entwürfe – Texte*. Darmstadt: Wiss. Buchgesellschaft 2001 [Beiträge zur Romanistik Bd. 5], 413 páginas [2 artigos].
- Grossegesse, Orlando: “About words, tears and screams: Dante and Borges revisited by Saramago”, in: Adriana Martins e Mark Sabine (eds.) 2005.
- “Borges em Saramago. *O ano da morte de Ricardo Reis* – romance policial sem enredo”, *Diacrítica* 17: 3 (2003), Braga, pp. 105-133.
- “Eines Nachts wurde es April... – Historisierungen der Nelkenrevolution”, em: Lange e Smolka (ed.) 2001a, pp. 43-62.
- “Journey to the Iberian God: Antonio Machado Revisited by Saramago”, em: Anna Klobucka (ed.) 2001b, pp. 167-184.
- “O grito de São Bartolomeu ou Ensaio sobre o auto-nascimento em S.”, *Agália. Revista Int. da Ass. Galega da Língua* 60 (1999), Ourense, pp. 407-417.
- *Saramago lesen. Werk, Leben, Bibliographie*. Berlin: tranvía 1999. 138 páginas [recte Novembro de 1998].
- Halperin, Jorge: “Cada vez somos más un número y menos un nombre”, in: *Clarín* X (6-09-1998), Buenos Aires.
- Huici, Adrián: “Perdidos en el laberinto: el camino del héroe en TOD”, em: Seixo (ed.) 1999, pp. 453-462.
- Jubilado, Maria Odete Santos (2000): *Saramago e Sollers. Uma (Re-)escrita Irônica?* Lisboa: Veja. 167 páginas [prefácio Helena C. Buescu; tese de mestrado, Univ. Lisboa 1996].
- Júlio, Maria Joaquina Nobre: *Memorial do Convento de José Saramago: Subsídios para uma leitura*. Lisboa: Editora Replicação, 1999, 143 pp.
- Klobucka, Anna (ed.): *On Saramago*. [número monográfico de *Portuguese Literary and Cultural Studies* 6] Spring 2001, Univ. of Mass. Dartmouth, 333 páginas [10 artigos: 4 resenhas; bibliografia].
- Krabbenhof, Kenneth: “Saramago, Cognitive Estrangement, and Original Sin?”, em: Klobucka (ed.) 2001, pp. 123-136.
- Krysinski, Wladimir: “Le romanesque et le sacré: observations sur EVA”, em: Seixo (ed.) 1999, pp. 403-411.

- Lago, Maria Paula: “JAN de J.S.: narrador(es) e autoria(s)”, *Ciberkiosk* 4 (1999).
— *A Face de Saramago*, Porto: Granito 2000. 135 páginas [prefácio Carlos Reis].
- Lange, Wolf-Dieter/Smolka, Andrea-Eva (ed.): *25 Jahre nachrevolutionäre Literatur in Portugal – Nationale Mythen und kulturelle Identitätssuche*, Baden-Baden: Nomos 2001 [Colóquio 1999; ZEI, vol. 26], 298 páginas [4 artigos]
- Lima, Isabel Pires de (1999): “Dos Anjos da História em dois romances de Saramago. Sobre ENS-C e TOD”, em: Seixo (ed.) 1999, pp. 414-426.
- Liparulo, Teresa (1999): “Bibliografia sobre J.S.”, *Vértice* 91 (Julho-Agosto de 1999), pp. 69-95.
- Lourenço, Eduardo: “Da contra-epopéia a não-epopéia: de Fernão Mendes Pinto a Ricardo Reis”, *Revista Crítica de Ciências Sociais* 18-20, Coimbra 1986, pp. 27-35.
- Machado, José León: “Conflitos de interpretação face ao romance de J.S., EVA”, *Letras & Letras* 1998 [com bibliografia da discussão teológica em volta de EVA].
- Madruça, Conceição: *A Paixão segundo J.S. A paixão do verbo e o verbo da paixão*. Porto: Campo das Letras 1998. 149 páginas [tese de mestrado, Univ. Nova Lisboa 1994].
- Marinho, Maria de Fátima: *O romance histórico em Portugal*. Porto: Campo das Letras 1999. 349 páginas.
- Martins, Adriana: “A crónica de J.S. ou uma viagem pela oficina do romance”, em: Seixo (ed.) 1999, pp. 95-106.
— *The Construction of National Memory in José Saramago and Gore Vidal*, tese de doutoramento, Univ. Católica Viseu: 2002.
- Martins, Adriana e Sabine, Mark (eds.): *In Dialogue with Saramago. Essays in Comparative Literature*. [Col. APSA, Amherst 2002]. Manchester Portuguese and Spanish Séries 2005.
- Martins, Lourdes Câncio, *Problemas e Leituras*. Lisboa: Cosmos 2004. 188 páginas [3 artigos; reed. revisados].
- Mongelli, Lênia Márcia: “Um teatro carente de ambiguidades”, *Caderno do Sábado*, São Paulo (9.05.1998).
- Moutinho, Isabel: “A crónica segundo J.S.”, em: Seixo (ed.) 1999, pp. 81-91.
- Neves, Margarida Braga: “Nexos, temas e obsessões na ficção breve de J.S.”, em: Seixo (ed.) 1999, pp. 117-141.
- Nunes, Ângela Maria Pereira: *Vergangenheitsbewältigung im interkulturellen Transfer. Zur Aufarbeitung europäischer Geschichte in J. S.s ANO*. Frankfurt/M., etc.: Lang FASK, Mainz in Gernersheim, 37) 2003. 300 páginas.
- Oliveira, Isaura de: “Lisboa segundo Saramago: a História, os Mitos e a Ficção”, em: Seixo (ed.) 1999, pp. 357-377.
- Oliveira, Mária Lúcia Whiltshire de: “Entre a poesia e a prosa: o exercício dos géneros em J.S.”, em: Berrini (ed.) 1999, pp. 193-215.
- Paiva, José Rodrigues de: “Sobre a poesia de J.S.”, em: Berrini (ed.) 1999, pp. 217-238.
- Parks, Tim: “Sightgeist”, *The New York Review of Books*, vol. XLVI, 3 (Feb. 1999), pp. 22-25.
- Parra Bañón, José Joaquín: *Pensamiento arquitectónico en la obra de José Saramago: acerca de la arquitectura de la casa* [tese de doutoramento; Univ. de Sevilla 1999] Sevilla: Aconcagua Libros 2003. 256 páginas. Tradução portuguesa: *O pensamento arquitectónico na obra de José Saramago*. Lisboa: Caminho 2004. 327 páginas.
- Pereira, José A. R.: “José Rodrigues Miguéis e J.S.: o mesmo empenho na dignificação dos humildes deste mundo”, *Ciberkiosk* 6 (2000).
- Perrone-Moisés, Leyla: “A ficção como desafio ao Registo Civil”, em: Seixo (ed.) 1999b, pp. 429-439.
— “Formas e usos da negação na ficção histórica de José Saramago”, em: Carvalhal e Tutikian (eds.) 1999, pp. 101-108.
- Pinto do Amaral, Fernando: “Fantástico e verosimilhança n’ ANO”, em: A. M. Brito/I. Pires de Lima et al. (eds.): *‘Sentido que a vida faz’ – Estudos para Óscar Lopes*. Porto: Campo das Letras 1997, pp. 55-59.

- Ponce de Leão, Isabel Vaz: “A violação dos códigos erótico e sagrado em MEM de J.S.”, *Taira* 11 (2000/2001), Univ. Stendhal-Grenoble III, pp. 167-177.
- Ponce de Leão, Isabel Vaz/Castelo-Branco, Maria do Carmo: *Os círculos da leitura (em torno do romance de Saramago, MEM)*. Porto: Eds. Univ. Fernando Pessoa 1999. 121 páginas
- Real, Miguel: *Narração, Maravilhoso, Trágico e Sagrado em MEM de José Saramago*. Lisboa: Caminho 1995. 98 páginas.
- Rebello, Luiz Francisco: “Teatro, tempo e História”, em: Seixo (ed.) 1999, pp. 143-150.
- Reis, Carlos: *Diálogos com José Saramago*. Lisboa: Caminho, 173 páginas [+ introdução e discurso de homenagem do autor]
- Sabine, Mark J.: “‘Once but no longer the prow of Europe’: National Identity and Portuguese Destiny in J.S.s JAN”, em: Klobucka (ed.) 2001, pp. 185-203.
- “LEV and *Cien años de soledad*: Ideology, fantasy and the dynastic saga”, em: Martins e Sabine (eds.) 2005.
- Sapega, Ellen W.: “Representations of the Spanish Civil War in the Fiction of Jorge de Sena and J.S.”, em: Martins e Sabine (eds.) 2005.
- Schönberger, Axel: “‘Lupus est homo homini’: zum pessimistischen Menschenbild in J.S.s ENS-C”, em: Briesemeister e Schönberger (eds.) 1999, pp. 51-70.
- Schor, Andreas: “J.S.: ENS-C (1995) – ein Versuch, das Unsägliche zu erzählen”, em: Briesemeister e Schönberger (eds.) 1999, pp. 11-38.
- “J.S.s Romane: Schreiben gegen Mythen oder Schreiben an einem Mythos?”, em: Briesemeister e Schönberger (eds.): *Moderne Mythen in den Literaturen Portugals, Brasiliens und Angolas*. Frankfurt/M.: TFM (Bibl. Luso-Brasileira, 5)1998, pp. 77-99.
- Seixo, Maria Alzira (ed.): *José Saramago: o Ano de 1998*. [num. monográfico *Colóquio/Letras* 151/152], Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian 1999. 503 páginas [34 artigos].
- “Derivas. notas para uma leitura do caderno de apontamentos sobre a composição de JAN”, em: Seixo (ed.), 1999b, pp. 311-319 [com caderno fac-similado].
- *Lugares da Ficção em José Saramago*. Lisboa: IN-CM 1999a, 179 páginas [Prémio de ensaio Jacinto do Prado Coelho].
- Seminara, Graziella: “The literary Works of J.S. in the Musical Theatre of Azio Corghi”, em: Seixo (ed.) 1999, pp. 163-179.
- Serôdio, Cristina: “O verso e o reverso: temas de sombra e luz em Os poemas possíveis de J.S.”, em: Seixo (ed.) 1999, pp. 53-64.
- Serôdio, Maria Helena: “Ofício de palavras: o mundo dramático de J.S.”, *Vértice* 91, Julho/Agosto de 1999.
- Siepmann, Helmut: “Gia morto, ma ancora vivo – Gespräche zwischen Tod und Leben: Fernando Pessoa bei Tabucchi und Saramago”, em: *Heitere Mimesis. Festschrift für Willi Hirdt zum 65. Geburtstag*, (eds.) Birgit Tappert e Willi Jung. Tübingen, Basel: Francke 2003, pp. 319-328.
- Smolka, Andrea-Eva: “‘Lisboa não é branca’ – Der Dialog mit dem Mythos Lissabon bei J.S., José Cardoso Pires und Mário de Carvalho”, em: Lange e Smolka (ed.) 2001, pp. 193-207.
- Soares, Maria Almira: *Memorial do Convento de José Saramago. Um modo de narrar*. Lisboa: Presença 1999. 76 páginas.
- Souto, Elvira: “Textos em diálogo: ANO”, *Vértice* 27, pp. 69-81.
- Stegagno Picchio, Luciana: “J.S.: a lição da pedra”, em: Seixo (ed.) 1999, pp. 13-19.
- Thielemann, Werner: “Sehende Blinde – Paradoxon oder Erkenntnisprinzip: Gedanken zu José Saramagos ENS-C”, *Lusorama* 39 (Março de 1999) 1999a, pp. 6-17.
- “Sinngesamlinien in J.S.s JAN”, em: Briesemeister/Schönberger (eds.) 1999b, pp. 71-103.
- Uhly, Stephan: *Multiperspektivität als Poetik. Umberto Eco: Il nome della rosa, João Ubaldo Ribeiro: Viva o Povo Brasileiro, José Saramago: EVA*. Frankfurt/M., etc.: Lang (Bonner Romanist. Arbeiten, 68) 2000. 339 páginas.
- Vecchi, Roberto: “Os dois Saramagos? A arte do testemunho”, in: Seixo (ed.) 1999, pp. 229-237.

- Venâncio, Fernando: “Retrato precário: os Cadernos de Lanzarote de J.S.”, em: Seixo (ed.) 1999, pp. 483-499.
- *José Saramago – A luz e o sombreado*, Porto: Campo das Letras 2000. 136 páginas.
- Viegas, Francisco José (ed.): *José Saramago – Uma voz contra o silêncio*. Lisboa: Caminho/ICEP/IPLB, 1998, 64 páginas.
- Vieira de Carvalho, Mário: “Blimunda e Divara”, *Jornal de Letras* 732, Lisboa (21/10/1998).
- Vieira, Agripina Carriço: “Da História ao indivíduo ou da exceção ao banal na escrita de Saramago do EVA a TOD”, em: Seixo (ed.) 1999, pp. 379-393.
- Washbourne, Kelly R.: “(Des)conhecer a ilha: *O conto da ilha desconhecida*, de J.S.”, *Colofão* nº 1, Mariana (Minas Gerais), Setembro de 2000.